



# Gaiato



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V—N.º 110  
Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Gaiato  
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo  
15 de Maio de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto  
Vales do Correio para CETE

## POBRES

## O NOSSO TERÇO

**C**HEGO agora mesmo dos Pobres. De visitar Pobres. E' remédio que se toma quando a cruz é mais pesada. Alivia. Faz bem à alma.

Sai de casa com intuito de visitar um e eis que outros aparecem. E' uma velhinha vergada ao péso dos anos e de um feixe de lenha, que deixa cair, mal me vê. *Tenho pensado tantas vezes em si, chave com que ela abriu a nossa conversa, naquela tarde de primavera. Primeira consolação. Primeira alegria interior. Um Pobre a pensar na gente! A desejar a nossa presença! A sentir a nossa falta! Um Pobre a abençoar-nos! Oh remédio que se toma, quando a nossa cruz é mais pesada!*

Eu ia cansado, ela mais; trazia um feixe de lenha às costas. Sentamo-nos cada um em sua pedra. Ao pé, giestas em flôr. Falamos e falamos e falamos. O dia era p'ra romaria.

*Ontem andei às folhas de sabugueiro pra sal.* E' necessário traduzir. A linguagem do Pobre, é desconhecida, assim como eles o são!

Antes do feixe da lenha, tinha ela andado pela orla dos caminhos à procura de sabugueiros em flôr. Colhe. Leva à botica e vai à venda por sal, com o produto do seu negócio. Tudo tão pobre, mas pobreza sem lamurias. Ela não dá fé do seu martírio. Não se queixa de ninguém. *Sal pró caldo, acrescenta. Não fala em adubo, que isso é luxo. Antes, tinha eu ouvido a uma outra velhinha, que o caldinho sendo bem cosido, até só com sal se come. Receitas. Receitas que não veem no Manual do Cozinheiro. Antes, por causa d'estas, é que são aquelas...*

Erguemo-nos do lugar aonde estávamos. Mais uns passos, e eis que chegamos à sua porta. Nova pausa. O seu marido que trabalhou enquanto pôde, anda agora pelos montes a roçar paveias de mato, para vender a outros tão pobres como êle, por quantias pobres.

Tenho pena. Gostaria que a sociedade fôsse por tal forma constituída, que a todos chegasse um auxílio na velhice. A todos. Mas continuemos.

A casa aonde ela habita, é um bocadinho aparatosa. Tem porta fronha e trez janelas rasgadas. A mulher lastima-se por aquela grandeza, e dá a razão: *às vezes veem pobres pedir à nossa porta, mas quê. Nós não temos nem pra nós.* E fica-se triste e calada, a olhar para o feixe de lenha que ela foi buscar ao monte, — o sêlo da sua penúria! Levanta os olhos, olha para mim e diz: *eu tenho pena dos pobres. Custa-me mandá-los com o Senhor o favoreça. Eu antes queria dar!*

Eu vergo-me ao péso da lição sublime que acabo de escutar. Mestra. Lições de caridade. Ela tem dentro do peito o amor que a aflige: *Antes queria dar.*

Os ouvintes do Sermão da Montanha, pensam e fazem da mesma sorte. Esta mulher é uma ouvinte fervorosa do Sermão da Montanha. Tem o batismo de desejo. Vê Deus Nosso Senhor nas criaturas.

Sim. Quando a vida nos amarga, procuremos o verdadeiro remédio. O Pobre, tem a palavra que nos consola. Ele é naquela hora, o orago do Senhor.

Perguntada pela idade, não sabia quantos

anos tinha. Passou a mão pela face e levou-a depois à cinta. *Eu não sou muito velha, mas as más passagens é que me puxeram assim.*

De novo fita a lenha ali caída, para dizer sem azedume: *Sabe, a gente às vezes quer e não têm quê...!*

A nossa conversa ia terminar. Amanhã era domingo. Ela ainda não sabia aonde buscar um punhado de farinha, para melhorar o dia. *O meu hamem anda no monte fartinho de trabalhar.*

Chegou a vez ao discípulo. Ela tinha-me ensinado: *Eu tenho pena dos pobres. Eu antes queria dar.*

Falou em farinha, pois muito bem. Vai receber farinha.

Eu tinha estado em Lisboa, na rua do Salitre, a conversar com um Senhor da Federação Nacional dos Produtores de Trigo. Uns cinco minutos, se tanto. O Senhor ouviu bem e compreendeu bem: — Semente em bom terreno. Estava ali um telefone sobre a mêsca. Duas palavrinhas d'aquela Senhor para um outro senhor, que também escutou e compreendeu. Outra vez a boa semente em bom terreno. Resultado? Não era eu chegado a Paço de Sousa e já estava ali um vagon de milhol Duzentos e quarenta sacos de milho, frete e tudo!! E êle há quem desconfie e tinha medo dos homens. Eu cá não.

A' dúvida amargurada da nossa simpática velhinha, sucede-se a certeza consoladora. Vai ter o que deseja. *Venha d'aí comigo, ou mande alguém.* Ela deixou-se estar, fulgurante de alegria. Eu entrei numa outra casita ali ao pé, aonde estive por um tempo. Ao sair, não reparei e meti direito a casa. Abro a porta da aldeia e noto, então, que alguém me seguia. Era ela. Magrinha, queimada do tempo, andrajosa, — traz na mão uma saca dobrada. Mediu-se-lhe um alqueire. Ela, a pobre, tem pena dos pobres. Quereria morar numa casa mais pequenina, onde os mendigos não fossem ao engano. *Eu antes queria dar.* E o nosso Bom Deus favoreceu-a naquela tarde de primavera. Dum punhado de farinha, fêz um alqueire de pão!

Mais. Mais pobres. Naquela manhã, saía eu da nossa capela aonde havia celebrado, e dou de cara com alguém à porta da cozinha. Era uma mulher de setenta, sentada num banco, minha conhecida. Fui a cima, trouxe um envelope, entreguei e disse quanto. Ela não se levanta. Custa-lhe fazê-lo. Os anos, *as más passagens* e o braço direito a tremer. Sempre a tremer. *Os médicos não atinam, diz ela.* E' o seu quinhão. O marido tem outro, pelo que há muitos anos não saide casa. *Ele era o rei dos trabalhadores.* torna ela a dizer.

Tinha à minha frente uma Pobre qualificada, que não o mentiroso das feiras e dos caminhos. Próquê, veja-se:

Ao ouvir da minha bôca a quantia do envelope, fêz a conta, calculou e exclama muito contente: *Ai que bom. Chega pra meia raxa de farinha.*

Da farinha passamos ao milho. Quis saber se ela tinha fôrno. Tinha sim senhor. E se tinha lenha. Não, mas ia por ela. E saca? Isso é que não; não tinha saca em modo. *A que temos não segura nada.*

Em todas as nossas casas, e desde o primeiro dia, se vem rezando diariamente o terço em comunidade. Símbolos de forças inteiras e remuneradoras de desgostos morais, os mistérios do rosário elevam-nos o espírito a Deus e enchem-nos a vida de alegria florescente no borborinho e desalento dos dias que passam vertiginosos porque inquietos.

Se o terço é uma prece à Mãe das mães, erguida por todos os seus filhos sem distinção, os que já não têm mãe na terra devem aproximar-se d'Ela de um modo particularíssimo e implorar Lhe as Suas graças. A maior parte dos nossos gaiatos — uns órfãos de mãe, outros abandonados por ela — encontram na Mãe do Céu o grande e sublime amparo da sua orfandade e do seu abandono.

O nosso Lar dos ex-Pupilos, a primeira, no aspecto cronológico, das seis casas da Obra da Rua, não podia ficar indiferente a essa manifestação de louvor e carinho filial à Virgem Maria — aquela que foi criada desde o princípio, antes de todos os séculos, e não deixará de existir até à eternidade.

Todos os dias, na sala de jantar e após a última refeição, aqui se reza o terço em conjunto, presidido por um dos rapazes, que se substitui de três em três dias. Homens feitos, cansados pelo trabalho quotidiano, ali estão durante cerca de um quarto de hora a invocar a oração dos pequeninos e dos humildes: *Avê-Maria, cheia de graça.*

Se o homem, no pensamento do eminente José de Maistre, nunca é tão grande como de joelhos, cremos, contudo, que todo o homem pode aproximar-se dessa grandeza mesmo no labor da sua arte, fazendo das suas ferramentas de profissão o rosário das suas súplicas e preces.

Nós rezamos o terço sentados, alguns de perna cruzada, numa atitude familiar e serena,

(Continua na 2.ª página)



Palavra puxa palavra, e quando ela me ouve dizer o Rio Tinto para lhe medir um alqueire de milho, leva imediatamente as mãos ao envelope: — *Antão tome lá!*

Que lisura! Que grandeza! Que honestidade! Não estava ali uma feirante não senhor.

Estes, os monumentos de resignação, almas heróicas, — herdeiros dos Céu.

*Antão tome lá.* De afeita que anda ao pouquinho, qualquer coisa lhe parece de mais.

Daí a nada, vejo-a entrar na nossa capela, pela porta da sacristia. Ela? Não. Não senhor. Os meus olhos pecadores viram algo mais.

Cristo Jesus!

E agora, antes de acabar, para que me não chamem o poeta da miséria, como alguém disse; vamos a um bocadinho de doutrina social cristã. Prosa. Prosa sem rima. Ora sendo certo que já temos as Comissões de Assistência: as distritais, as concelhias, as paroquiais. Sendo assim na letra, quando é que vamos à prática? Sim. Affirmo-nos. Abrir as janelas das nossas casas para estes irmãos que passam ajudá-los. Subsídios prá frente, por meio das comissões, com o mínimo de inqueritos. Os pobres, esta classe de Pobres, tudo merecem e nós tudo lhes devemos.

# Do que nós necessitamos

## Cantinho dos Rapazes

Mais um dos nossos rapazes que foi à sua terra visitar um tio e ali, o Pároco da freguesia, encareceu a tal ponto a obra da Rua, que na hora das missas o povo disse que sim. O rapaz foi mealheiro. Trouxe 200\$ a passar. Mais um vale de 650\$00 que a gente recebeu e mais tarde veio uma carta de Carviçais a dizer de como fôra. Foi num café: *Meu marido angariou entre os amigos.* Andou a criancinha nua por de cima das mesas dos cafés! Que ela entre em toda a parte, sobretudo nos corações.

Que todos ajudem a mão de quem ajuda a creança destituída. Mãos a auxiliar mãos. Nós aqui ajudamos tudo a todos quantos nos procuram. Nós metemos o comer na boca destas crianças. Damos remédios caseiros, até aos atrasados mentais; que alguns temos, por não haver lugar nas casas oficiais da especialidade. Exemplo: Temos um com a obrigação de varrer determinada área nas ruas da aldeia. Marcou-se-lhe, mas ele não entende e vai por aí além, com a vassoura na mão, a varrer, até longes distancias! Que fazer? Nada. Um risco. Um grande risco com um pau. *Vês? Daqui até ali.* E o atrasado cumpre gostosamente. Outros, doutra maneira. Andavam por lá. Se dos espertos se faz pouco caso, que fará destes inocentes, que são fardo pesado! E assim seria se não fossem mas é almas. São almas. Assim olhamos para eles. Assim os ajudamos. E daqui nasce o ter falado da nossa obra um grupo dos Desconhecidos. Falado... e mais algo.

Homens de Carviçais, de Lagoaça, de Estevais, de Moncorvo, de Felgueiras, de Felgar do Souto, de Adeganha, de Urros, de Cardanha—migalhas de Portugal. Nós vivemos de migalhas. Nós somos o mealheiro.

Mais sete mil e quinhentos escudos de um legado de alguém da cidade do Porto. Legados pequeninos que nos chegam à medida que deles necessitamos. Mais um par de sapatos para o Carlos de Almada. Mais roupas e calçado. Outra vez mais roupas e calçado. Mais esta carta:

*Queira V. desculpar escrever-lhe, mas há dias, julgo que no sábado, dirigi-me a um «gaiato» pedindo-lhe o favor de me esperar, à porta do Imperial, afim de lhe dar um fato e uma gabardine.*

*Infelizmente, por causa dos meus deveres profissionais, não me foi possível aparecer tal como tinha combinado, pelo que agradecia a V. o favor de me desculpar perante o «miúdo».*

*Tal como tinha prometido, envio a V. a gabardine e o fato, assim como uma caneta e um lenço.*

*O fato era meu; a gabardine, o lenço e a caneta foram deixadas na pensão aonde comia, em troca da minha!... Aguardei que o dono aparecesse, mas... como a minha era melhorzinha... nunca mais se fez a troca!...*

*E' natural que a pessoa que a trocou soubesse que tinha duas e que lhe fazia mais geito a Ele do que a mim...*

*Enfim... pensei e, como compro o «Jornal do Gaiato» lembrei-me que não podia ter tido melhor pensamento.*

*Seria meu desejo, caso fosse possível e V. não visse o mais pequeno inconveniente nisso, que todas estas coisas fossem para o «gaiato» que no sábado vendia os jornais no Imperial ou pelo menos a caneta, pois custou-me que o miúdo estivesse à minha espera e eu não tivesse podido aparecer.*

Eu acho esta carta simplesmente adorável! O respeito pelo *miúdo*, a fidelidade às promessas, o perdão das injúrias. Quem quer que seja o seu autor, é um perfeito atleta cristão. Está escudado nas virtudes cardeais, que são os alicerces do Homem de Bem. O Santo vem depois. Sobre aquelas 4 virtudes, começa o Espírito Santo a sua obra nas almas, e sem elas nada pode fazer. Coisa terrível!

Mais os 20\$ do costume. Mais a carta da Maria do Porto; sim senhor. Cumpriu-se no dia marcado, pela intenção solicitada. Não sempre nem de tudo, mas algumas vezes, damos conta de alguma coisinha. Mais aquela carta muitíssimo longa do Estoril, a qual li de cabo a rabo! Sim senhor. Já parecia um leitor da marca dos do *Gaiato*. De ponta a ponta!

Remete-se à procedencia, conforme desejo expresso, a coisa que de lá nos enviaram. Ela resistiu. Vai conforme veio. *Diabretes e Papagaios* é que são difíceis de guardar. Já tem havido assaltos! Assaltos ao rapaz que vai todos os dias pelo correio!! Por isso mesmo, manda-se agora um dos mais valentes. Um que não seja para graças.

Mais o desejo sincero que nós experimentamos, de nunca recusar abrigo ao rapaz que se nos apresenta nas condições de ficar, e mais a pena de o não podermos fazer! Porquê? Não temos braços que nos ajudem. Não temos alojamentos que cheguem. Temos o aplauso geral, sim, mas insuficiência de mãos — abertas. Não que alguém nos deva alguma coisa; a nós não. Mas à creança desvalida, todos devem tudo. Não somente a estas nossas que já vieram e estão, mas ao mundo das que andam por lá e são igualmente nossas.

Ouve-se agora falar tanto em um movimento social cristão, que a gente sente-se tentado a perguntar quem e quantos são os dispostos a fazer aos outros aquilo que gostariam que lhes fizessem a eles, uma vez postos em necessidade. Ora sem esta resolução interior no peito de cada homem, podem chamar cristão a um qualquer movimento social, mas não é.

Eu estava de uma vez à porta de um recolhimento de raparigas abandonadas, a pedir lugar e a escutar o non, quando aparece uma pelo seu pé, a contar a sua desgraça. A superiora da Casa ouviu e mandou entrar. Eu estranhei. *E' que eu também gostaria que me fizessem, se me encontrasse na mesma situação.* Aqui está um movimento verdadeiramente cristão. Individual, sim, mas, por serem as sociedades compostas de individuos, se cada um assim fizesse, teríamos no mundo das almas um perene e eficaz movimento social cristão. E a verdade é que, se não pusermos por prática aquilo que o Mestre fez e disse, — todos perecemos!

Mais da Covilhã uma toalha de rôsto. Ainda toalhas! Mais 20\$ de algures. Mais 50\$ do *Doutor Zéquinha*. Já nos meses passados foi a mesma coisa. Será o da Lélé? Mas esse não é doutor. Seja lá quem for, é um amigo da obra. E disse.

## OS TRINTA MIL

O Avelino acaba de sair de ao pé de mim, aonde tinha vindo com a encomenda de 17.500 exemplares no próximo número. E' este. E' este número. Caminhamos para os *Trinta Mil*. Como não, se no curso de quinze dias houve mil pessoas a pedir! A última tiragem foi precisamente de 16.500 deles. Vamos para os *Trinta Mil*. Eu cá cismo e torno a cismar. Grandes profundidades existem na alma dos mortais! Grandes mistérios ali se escondem! E senão, é ver: um dos pedintes do jornal, é um senhor que se diz ateu, ser registado, e não consente que os seus filhos se batizem. E' ele próprio que tal se confessa e no fim, pede o jornal! Como este, quantos e quantos e quantos! Eu cismo e torno a cismar! Pois quê; nós somos contra aquela doutrina. Nós damos todas as voltas para saber se são ou não batizados os rapazes que nos procuram e fazê-mo-lo *sub conditione* se porventura não colhemos a certeza. Mais. Nós teríamos por desgraça, se algum dos nossos se registasse amanhã com uma mulher. Mais ainda. A religião entra como factor principal na educação da nossa fauna. E' até, parte obrigatória, nos dias em que a Santa Madre Igreja manda assistir aos actos de culto público. Ora sendo esta a nossa norma de vida, em todas as nossas casas, como pode ela agradar a quem o não deseja para si nem para os seus — como?! Sim, porque o nosso jornal, é o espelho da obra. Quem o lê escusa de cá vir. Agradar, a pontos de a desejar para si. Como? Procurando o. Este e outros senhores, provaram; desejam; interessam-se. Sim. Grandes mistérios se escondem na alma dos mortais... Não é o estilo. Não é a graça. O saber, isso é que nem pitada. E' a legião dos Nicodemos á procura do Mestre. Uns, com medo dos que possam reparar. Outros, com medo de reformarem a sua própria vida, — todos o fazem pela calada. Mas fazem-no. *Senhor; creastes-nos para Vós.* Parece d'hoje e foi gemido há séculos por um ateu! Pois muito bem. Aquele nosso *um arranje um tem aberto brecha.* E' por isso que todos os assinantes se apresentam. Os que já têm jornal, querem que os outros tenham. E o Avelino há-de vir mais vezes ao pé de mim ser o fiel interprete dos nossos desejos. *Trinta Mil.*

Tantas vezes, por tantos títulos e a propósito de tudo se ouve falar em liberdade, que eu não quero deixar perder uma coisa que vinha ontem nos jornais, para vos fazer dela um pequenino sermão. Ora escutai: Vinha lá a dizer que em uma cadeia, aonde estavam muitos homens presos, houve um que limou as grades, por onde fugiu de noite. Uns acompanharam-no. Fugiram também. Outros não quiseram. Ficaram. Aqui temos nós um caso aonde se pode julgar da falsa liberdade porque a uma e a outra, costumam dar o mesmo nome.

Eu cá digo-vos, que aqueles homens que se deixaram ficar na prisão, tendo podido também fugir, — esses é que usaram para consigo mesmo, a verdadeira liberdade. Escolheram o caminho. Determinaram-se. A consciência disse-lhes que deviam uma reparação e eles querem reparar.

Quer seja conhecida quer não, não há falta nenhuma que se cometa que não tenha dentro de si o castigo imediato. Tem de o ter. Ai de nós se o não tivesse! Por ele, por esse castigo interior conhecemos nós que o nosso Bom Deus, é remunerador. Ora é esse castigo interior que nos leva a aceitar de boa mente os castigos exteriores que a lei civil nos inflige. Por isso mesmo é que aqueles bons homens não fugiram da cadeia, podendo tê-lo feito, assim como os outros maus homens fizeram.

Os castigos interiores que Deus nos manda são para depurar, quero dizer, limpar a alma. São um alimento espiritual. Por amor deles é que nós aceitamos e cumprimos *livremente* os trabalhos que a vida nos oferece, ainda os mais amargos.

Ora aqui tendes. Que ninguém vos engane com falsas liberdades, porque o nome da palavra é o mesmo. Vós é que haveis de saber distinguir. Conhecer o sinal. Esse sinal está dentro de vós.

## O NOSSO TERÇO

(Continuação da 1.ª página)

para que a oração saia livre e espontânea,] de dentro para fora, sem rigidez.

Não se conclua, porém, desta assiduidade diária ao terço que paira no Lar uma atmosfera de Beatitude. Seria erróneo afirmá-lo. Pela heterogeneidade dos elementos, esta casa deve ser a mais difícil de conduzir sob o ponto de vista disciplinar. Todos os dias há faltas mas de todas elas se tiram lições. Um exemplo. Há dias, verificou-se que um pupilo tinha conta aberta de vinho numa das muitas tabernas que enxameiam, infelizmente! todos os lugares. De facto tirou-se matéria para elucidar a comunidade. O homem que passa o seu tempo de descanso naquelas casas, desgasta o seu organismo e rebaixa vilmente a sua dignidade. Pior se tem família, mulher e filhos, e estes aguardam, ao sábado, a chegada do marido e do pai, enquanto ele se arrasta no lodo do alcool, dissipando a jorna de uma semana de trabalho com que devia antes sustentar os seus. — Estes e outros perigos são dados a conhecer como doutrina. Cada qual tirará, depois, as normas mais conducentes com a sua maneira de ser e pensar.

Mas tudo isto não abafa o ardor da nossa fé enquanto se sussurram as preces da nossa qualidade de cristãos. Feliz todo aquele que reconhece as suas fraquezas e procura eliminá-las em si e nos outros.

Estamos no mês de Maio, o mês consagrado à Virgem e às solenidades da Cova da Iria, em Fátima. Pois que cada um reze o seu terço com mais amor, procurando tornar-se mais puro no meio da corrupção do mundo.

H. F.

Visado pela Comissão  
de Censura

## CRONICA DA NOSSA ALDEIA

**1** Andamos presentemente ocupados com um aviário para passarmos.

Já chegaram pombas correias que um senhor da Anadia nos deu e já tem ovos, e também já andam no chôco. Também nos mandaram outras pombas mas não são correias e também já tem ovos. O nosso aviário está muito vazio. E' preciso ver se chega passadeira para o nosso aviário.

Agradecemos muito aos senhores ou às senhoras que nos mandaram os pombos e as pombas.

**2** Tem-nos chegado encomendas com papagaios jornal infantil que nós muito apreciamos especialmente para ver as grandes aventuras de Tim-Tim, etc., etc.

Também nos tem chegado o "Mosquito" que uma senhora assinou de propósito para nós, e que dois da Administração colecionam e outros dois colecionam o "papagaio" mas faltam-nos muitos e só temos salteados. Se os senhores nos mandassem papagaios podia ser que viessem alguns números que nos servissem à nossa colecção.

Agradecemos ou ficamos muito gratos aos senhores que nos mandaram o papagaio por meio de encomendas.

**3** Chegou o tempo dos grilos e nos nossos dormitórios só se ouvem grilos e mais grilos. Muitos dos nossos rapazes vão aos grilos nos recreios da escola e do meio dia e à merenda antes de tocar para a doutrina, e depois todos andam com grilos a cantar nas mãos quando se vai para a mesa e quando se está a resar o têrço em toda a parte se ouvem os grilos a cantar até no Hospital.

Os do lar do Porto quando nós lá vamos querem grilos porque no Porto são muito caros e nós aqui temo-os baratos.

**4** A garnizé do Piriquito teve quatro garnizés muito pequeninos e muito engraçados.

No domingo vieram cá uns senhores visitaram tudo e no fim viram os garnizés e pronto, toca a comprar dois para recordação.

O Piriquito já tem mais garnizés para se for preciso vender como vendeu os outros.

**5** Informamos às duas simpatizantes de "O Gaiato" do Colégio da Imaculada Conceição de Lamego que o Avelino fica muito agradecido pelos selos enviados.

Muito obrigado.

**6** As nossas vacas continuam a ter as suas criações.

Há dias nasceu um vitelo muito engraçado e muito bonito.

Quando estiver grande, se for macho o camião dele é na feira se for fêmea fica para dar leite para nós.

**7** Os do campo andam atarefados com a lavoura que é muito serviço agora neste tempo, é o tempo de se semear o milho principalmente para a nossa alimentação.

Os do campo tiveram de comprar outros bois mas em paga também se venderam outros que tinham os cornos partidos.

**8** Já temos mais abelhas que alegria, para nós termos mais mel para nós comermos com borra, e aí que bom.

Pois já temos mais abelhas chegaram-nos mais para estar ao pé das outras que estão em colmeias que parecem casinhas e tem um telheiro por cima, e foram logo seis enxames que nos vieram. Obrigado e mais, mais sempre para cá mais que nós somos pobresinhos.

**9** O Piriquito é que me anda cá sempre a consumir, umas vezes é garnizé outras vezes é os piriquitos dele e sempre coisinhas mas nunca me larga. Agora é por causa dos "Stadiuns" para eu dizer que sim que tem recebido os quatro "Stadiuns" e que muito obrigado pela amabilidade que tem tido com nós em nos mandar o "Stadium".

**10** Desculpem meus caros leitores de não vir neste último número e no ante-penúltimo só uma coisinha de nada a Crónica da Nossa Aldeia porque não tem havido lugar no jornal porque são muitos a escrever. Agora como houve lugar aqui vão notícias fresquinhas e das boas.

**11** Mais uma notícia das boas mas é para o Pirulas. O Pirulas já uma vez aqui veio por ir aos muletes e agora tornou a ir aos muletes e foi ao tribunal e se calhar para outra vez torna a ir aos muletes, gosta deles, e acha-os bons.

## AQUI, LISBOA

Tinha os ouvidos cheios de Lisboa antes de vir para cá. Que a desordem de costumes era tal que ninguém se salvava; que os garotos eram terríveis e ninguém fazia nada deles; que já havia muitas obras a morrer e que esta seria mais uma etc. etc. Depois os cafés, os cinemas e por aí fora. Um rosário. De facto, nesta parte negativa, Lisboa não fica a dever muito às outras capitais, mas a parte positiva também conta, e há-de pesar mais na balança de Deus para que se não repita a chuva de Gomôrra, o dilúvio ou o 1775. Ainda há nela mais de dez justos!

Quanto aos garotos onde quer que os encontro não perco a ocasião de sondar-lhes na alma a semelhança divina. Era assim um, há dias no Terreiro do Paço:

— O freguês quer limpar os sapatos?

— Quero sim senhor.

— Então bote aqui.

Enquanto ele puchava pelo lustro, puchava-lhe eu pela língua. Que estendal de roupa suj! Nem as lavadeiras de Caneças, nem as janelas de Lisboa... mas, no fundo, uma perola escondida. Qual de nós seria melhor, num tugúrio de Alfama, donde ele era?

Os que aqui tem vindo parar, são da mesma marca, iguais aos de Coimbra, do Porto, de Roma e Assis. Os mesmos em toda a parte.

Tenho aqui um instantâneo que apanhei nas ruínas da Civita Vecchia: fundilhos sem concerto, cabelo de meio palmo, cigarro ao canto da boca, cara e mãos de carvão, segura o cabresto dum asno. Eu falava a língua que minha mãe me ensinou; ele, por não ter mãe, falava uma mistura de inglês, italiano e espanhol. Onde não chegava a língua, iam os gestos.

— Como te chamas, bambino?

— Paólo.

— Paulo, donde és?

— U. S. A.

— Não és italiano?

— Não.

— E fascista?

— Não: comunista!

Qual comunista! Era mais um faminto sem eira nem beira. Vivía de expediente como tantos que por aí há. Meteu-se no porão dum cargueiro e saiu ali como podia ter saído em Lisboa. Comunista também eu o seria se tivesse a fome que ele trazia, e não tivesse a luz da fé que recebi em criança.

Lisboa, ia a dizer, não é só miséria dourada, nem miséria envilecida. Como em toda a parte há o péssimo, o bom e o óptimo, Lisboa é uma manta de retalhos: é um pedacinho do Minho, da Beira, do Alentejo e do Algarve. E se de lá vem muito lixo, também não deixa de vir o que há de mais português e cristão.

E' o óptimo que tenho encontrado nas igrejas, nos hotéis, nas casas do comércio e nas ruas.

E' o óptimo que vem até nós.



## O nosso aviário

Depois de tudo prontinho no que toca a pedreiro e a carpinteiro, com a árvore lá dentro e o regato a passar, com a mais beleza que é dada à ideia e à coisa, chega-se o Joaquim cego à minha beira e diz assim:

— Gosta?

— Gosto sim. Gosto muito.

— Eu também gosto, diz ele.

Agora, continua, meta um quilo na algibeira e vá ó Porto comprar passarinhos. Eu cá das nuvens! Um quilo, na linguagem do senhor Joaquim, quer dizer um conto, isto é, mil escudos dos de agora. Sim, dos de agora, que valem muito dinheiro e toda a gente os quer. Até a Inglaterra! Ora sendo assim, como posso eu trocá-los por passarinhos,—como?! Não pode ser. Não troco. Então quê? Muito simples. Veem cá muitos senhores aos domingos. Veem de toda a parte. Veem de automóvel. Pois bem. Nunca puzemos taxa. Aqui foi sempre porta franca, e sê-lo-á novamente. Mas enquanto o aviário não estiver provido, cada automóvel paga um passarinho. Pardais não. Já cá temos alguns. Outra sorte de aves de plumas e canto. Talvez o Sapo venha a merecer uma promoção e passe da banal capoeira para o distinto aviário. Talvez. Tudo depende das espécies que vierem. E mais nada.

Esteve ontem aqui uma delegação de duas dezenas de Universitários. Há três meses eu dizia que de Lisboa não viria coisa boa. Agora não.

Os nossos estudantes portaram-se à altura: muito aprumo, muita alegria sã, muita camaradagem e até muita piedade.

E' assim que eu gosto de ver a juventude radiosa. Viril. Nem pipis, nem maricas. Nada de pinturas nem brilhantina.

Ouvi contar o que diziam do caneiro de Alcantara, e mais barracas que visitam como bons vicentinos. E' preciso começar por aí para avaliar toda a beleza moral do que vai por aqui. Assim se explica o muito carinho com que trataram os nossos rapazes. Bem hajam.

Tudo muito bem, menos uma coisa. A' noite, ia a procurar o meu breviário, mas tinha-se sumido; no lugar dele ficou um espelho. Que troca tão exquisita.

S. José ficou sem matina e eu sem breviário. Lembrei-me do expediente de S. Francisco quando se viu nos mesmos apuros.

— O' Frei Francisco, salmodeava ele, tu és um miserável.

Frei Leão, que devia repetir a mesma coisa dizia o contrário.

Mas eu olhava para o espelho e ele ficava mudo e por isso resolvi adormecer.

A' honra de Cristo. Amen!

P.e Adriano



## Nota da quinzena

Ontem foi Domingo. Aos domingos é aqui o fim do Mundo: Ele camionetes, ele bicicletas, ele a pé, ele de comboio, ele motos com dois e três, ele aviões a espreitar do céu; e automóveis, não se fala. Tem sido sempre assim. Uns chamam outros e vêm novamente com eles: *trago aqui estes amigos*. Ora muito bem. Um grupo de visitantes entrou no hospital, observou uma galinha sobre um leito, e ouviu-se um côro de vozes: *olha, é mesmo como diz o jornal; lá está a galinha a pôr o ovo*. E estava. Não só no hospital como em qualquer leito de qualquer das casas onde os rapazes dormem, as nossas galinhas põem ovos. Não fazem cerimónia. Entram rapazes, saem rapazes e a senhora galinha está. Eles andam nas suas obrigações e a galinha também. *Maravilhas do Senhor, bendizei ao Senhor*.

Até aqui os factos. Vamos agora aos comentários. Vamos buscar aquele *é tudo como diz o jornal*. Esta voz saiu da multidão. Brotou, qual fio d'água da fonte. A água faz violência. Assim aquela exclamação. Se não tivesse saído ali, à beira da galinha havia necessariamente de arrebentar noutro sítio: *E' tudo como diz o jornal!*

Não há no mundo descoberta que mais encha o nosso espírito, do que a conformidade total do que se diz com o que se faz. Pode ter muita graça o ver uma galinha descuidada a pôr um ovo sobre a cama d'alguem. Sim; pode ter. Mas quando este caso pitoresco se casa perfeitamente com a notícia que dele havia sido dado no nosso famoso, já não é o que se vê; é o que se sente pela descoberta da verdade. *E' tudo como lá diz!* Eu cá tenho para mim que é justamente o escrúpulo nestas coisas pequeninas, que tem guindado a obra às alturas aonde ora se encontra. Nem pode cair abaixo, enquanto houver cá em casa esta preocupação. A mentira é um flagelo. Um verdadeiro flagelo social. Todos os rapazes que nós abrigamos hoje debaixo das nossas telhas são desse flagelo. Vêm desse flagelo. Trazem a convicção da mentira. E' simplesmente incrível ver a facilidade com que eles acertam o gesto e a palavra e as circunstâncias; a voz e as lágrimas! Incrível e doloroso para nós! Pois bem; que podemos nós fazer contra esta barreira de mentira? Levantar outra barreira. A verdade. Eu conheci um senhor que saboreava um copo de vinho às refeições e a certa altura deixou de beber. Não bebia. Nem fora nem dentro das refeições. Mais tarde vim a saber a causa da tal renúncia. Uma irmã deste senhor, em certa altura da vida, começa de beber, a pontos de se embriagar! Aqui está. Barreira contra barreira. Não bebe o irmão.

# Isto é a Casa

**N**ÃO é nada fácil na nossa organização, saber ao certo quantos rapazes temos. Não é nada fácil, sim, por amor dos aventureiros que aparecem, para daí a dois ou três dias desaparecerem. Por isso não os registamos. Espera-se que eles se resolvam por sim ou por sopas. Mas ontem soube. Soube ao certo quantos cá temos. Foi o caso que um visitante trouxe-nos uma caixa de pacotes de cigarros de chocolate. A noite, depois de ceia, comecei a distribuir a cada um seu. Não falha. Impossível falhar. Se algum viesse a ficar sem o cigarro, im-diatamente apitaria: *Eu ainda não tive*. Grito terrível! Naquele dia, estavam cento e cinquenta e seis rapazes, que tantos foram os cigarros distribuídos. Nunca se viu tal; em vez da ficha social, — paus de chocolate! Tantos paus tantos rapazes. Muitos há que contam pelos dedos, nós contamos por cigarros! Eis a nossa organização!

**O** Sapo tinha dado pela falta de uma galinha chóca e, alarmado com o caso, alarmava, também, os habitantes da aldeia. Não havia rapaz a quem ele não preguntasse, nem canto aonde não buscasse a galinha. Os cosinheiros tinham-na no quarto, aninhada num cesto, a chocar 13 ovos. Ouviam o Sapo chamar por ela, mas não se davam por achados. Muito às escondidas, a horas em que Sapo estava seguro, eles botavam de comer à galinha, e tudo ia muito bem. Ia, sim, mas não foi por muito tempo. Sapo desconfiou. Espreitou. Certificou-se, e reclamou: *a galinha tem de vir pró pé das mais!* E agora anda aqui uma grande bulha entre os dois. Todos os dias temos galinha... choca. E' a nossa organização.

**O**NTEM chegou aqui um auto, de onde desceu um senhor. Despediu o carro, virou-se para mim e diz: *Eu venho para ficar e vêr*. Pois fique e veja, foi a minha resposta. Nós aqui não temos cortinas de ferro. Dei-lhe um cicerone e fui cuidar da minha vida. O senhor andou pela aldeia todo aquele dia, silenciosamente. No fim da ceia, foram-se os rapazes todos para as suas casas, com os seus chefes, como é uso e costume. E' às nove que eles saem da mesa, e a hora de luzes apagadas, é uma hora depois. Saíram eles e ficamos nós. Os senhores, como eles dizem, isto é, os professores, eu, e naquela noite, o Curioso também. Demoramo-nos uma meia hora, no fim da qual eu recomendei ao hospede que fosse pelas casas, vêr o que faziam e como estavam os seus habitantes, o que ele fez.

Eu também faço esta viagem de vez em quando, para gozar o panorama. As nossas vivendas são de tal maneira construídas, que tem uma sala-de-estar, independente dos dormitórios. E' nestas salas que os rapazes passam o tempo que vai das nove às dez, com leituras e jogos; e alguns, por mais sonolentos, entram no dormitório, abrem o seu leito e deitam-se a dormir. Tudo como eles quiserem. Ora o visitante foi. Foi a algumas das vivendas e viu. Viu aquilo mesmo que eu muitas vezes tenho observado, e quebrou o silêncio. O espanto encheu a medida a transbordar: *Mas isto é família! pois eu não vejo ninguém a vigiar!* Assim me falou no regresso da sua inspecção.

A minha pena é não termos ainda as salas-de-estar devidamente equipadas. Elas estão quasi nuas; apenas uma mesa de eucalipto e alguns mochos em cada uma. Para os jogos, estão os rapazes de pé, à roda da mesa. Da única mesa. Os dados à leitura, aninham-se no chão. Digo *ainda*, porquanto esperamos trabalhar nas mobílias, mas terminem as obras do derradeiro edificio da aldeia, — as escolas. Então sim. Ficamos sósinhos. O nosso mestre, os nossos aprendizes e mobílias prá frente. Apetrechar. Está tudo por fazer, mas temos a vontade e sentimos a necessidade. Cada salinha o seu conforto: bancos, mesas,

estantes, jogos, livros — tudo quanto é dado a uma casa de família. *Mas isto é família*. Pois é sim senhor.

**O**NTEM à noite, veio-me ter recado do chefe dos da erva, que fizesse um tribunal por via dos grilos. Estranhei: Grilos no tribunal! Ele explicou: *E' que os rapazes da erva deixam ficar o trabalho, vão ós grilos prós campos de ceiteio e calcam tudo*. Alto lá. Não pode ser. Deu-se o aviso com toda a solenidade e espera-se que todos cumpram o seu dever.

**O** Pintarocha veio ontem ó tribunal responder por faltas na sua obrigação. E' que eu entrava na enfermaria, na ocasião em que um doente andava ocupado em saltar por sobre as camas e o enfermeiro, via e consentia. Aqui é que está. Foi ele o chamado à barra e não o saltador. No dia seguinte, mando alguém inspecionar, e soube que Pintarocha se encontrava munido de um grande livro de notas e de um grande lápia para escrever e reportar futuros casos de indisciplina. Aprendeu.

Nesta noite, à hora da ceia que é também a dos tribunais, aparece o Zé da Lenha, colega do Pintarocha, com a seguinte participação, feita e assinada por aquele: *Sr. P. é Américo. O Preto andava a correr. E ainda mais o Preto roubou a bróa ó Sapo e depois pôz-se a mentir a dizer que não. O Zé de Luzim andava a correr. Outra vez o Preto que andava na brincadeira*.

O participante assina. Tirante a formula consagrada do *para os devidos efeitos e fins convenientes*, temos aqui uma autentica e formal participação do funcionário encarregado da sua missão. Não lhe falta nada.

Por ela sabemos, também, que o Sapo aguarda o leito infelizmente: e que para bem dele e alegria de todos quantos o estimam, o Sapo não entrou nas brincadeiras dos mais. Viva o Sapo! Vão também ficar a saber os nossos leitores que o individuo ali designado por o Preto é um preto verdadeiro. E' o Acácio da Guiné.

Tomada que foi a participação em minhas mãos e antes de começar a lêr o documento em frente do participante e participados, disse bem alto que o Pintarocha não acusava ninguém. Na nossa aldeia, quem acusa come e come boas. Não era acusar, não senhor; era o desempenho leal e zeloso da sua missão. Ele é um ajudante de enfermeiro. Tem de manter a ordem nas enfermarias.

A assistência escutava, sem pestanejar. Claro está que não de continuar as inúmeras acusações nas nossas Comunidades. A creança acusa. Acusa sempre. Acusa para se defender, o que é pior. Não de continuar, sim. Mas aquilo que a gente aqui prega, não é de efeitos imediatos. Não pode ser. Mais tarde. A memória guarda e o espírito, em qualquer altura, vivifica.

**A**QUI há tempos, vieram cá duas senhoras, um médico e um oficial de marinha. Automóvel, e dentro um rapaz de 11 anos, temível e tímido, segundo as informações. Metia medo ouvi-los! O rapaz ficou. Deu-se-lhe dos nossos remédios. Remédios caseiros. Ele cresceu. Tornou-se vigoroso.

Hoje, domingo, fui dar uma volta pelos nossos campos, agora tão floridos! Sósinho, no meio da erva alta, andava um rapaz. De longe, não distinguia, mas fui-me aproximando. Era ele. O Perigoso. O Refinado. Era ele. Já inuito pertinho dele, e ele não dava fé, de entretido! Chamei e ele estremeceu. Não contava.

Que era? Não era nada. Grilos. Tinha um dentro da caixa e andava à procura de mais.

Como este quantos e quantos e quantos! Um grilo na sua toca, no meio dos campos em flor, tem muito mais força, do que os perigosos e os refinados. Tanta, que os prende. Mais. Transforma-os! Os miraculados!

**O**NTEM à hora do correio abri uma carta a qual, sem nada dizer, continha uma fotografia do grupo dos

# do Gaiato

valentes de patins. Até aqui nada de novo, mas ao virar o retrato, vejo nas costas que ele se destinava à loja do Periquito. Tanto bastou para que os administradores ali presentes caíssem à uma sobre a fotografia e sua legenda. Que não. Periquito já tem o grupo na loja. E cada um pretendia fazê-lo seu. Mas não. Entreguei o seu a seu dono e Periquito, todo basofias, mete-o na carteira nova e leva o dia inteiro a mostrar aos companheiros. Só ele é que tinha uma coisa assim! Não cabia em si, de importante.

Chegou a notícia aos ouvidos do Chefe e este dirige-se ao Periquito a quem pede a fotografia. Toma conhecimento da legenda e manda cumprir: *Vai pôr isto na tua loja*. Periquito levanta os olhos. O Chefe tem um metro e setenta e dois de altura. Peza setenta e cinco quilos. Foi apurado para todo o serviço militar. E' um avançado e nro de alto lá com ele. Periquito baixa os olhos e vai colocar os onze no seu sitio. Pronto.

**C**ONFORME prometi em o derradeiro número, a garnizé do Periquito saiu do esconderijo com três pintainhos apenas. Ele já tinha quatro, mas não tem agora sete, porquanto vieram cá uns visitantes do Porto e compraram-lhe dois pintainhos.

— Posso vender?  
— São teus.  
— Pois sim, mas quero a sua licença.  
— Dou-ta.  
Periquito vendeu dois, a cinco escudos cada bico.

**S**E houver agora muitas enganões no serviço de expedição do famoso tenham paciência os nossos leitores, e não desanimem. E' por pouco tempo. E' só enquanto durar a época dos grilos. Os senhores administradores vão ós grilos e mantêm-nos no escritório. E' uma fatalidade. Não se pode fugir a estas coisas. Se nas ruas das cidades houvessem grilos, toda a gente havia de observar por si mesmo esta verdade.

**H**A' muito tempo que se não fazia em nossa casa um tribunal tão renhido como o d'ontem! Isto é que foi! A matéria. Os implicados. As circunstâncias. Tudo. Para simplificar, pois nem este jornal chegaria, se fosse-mos a dizer tudo. Para simplificar, digo, a matéria eram figos e o principal era o Bucha. Bucha e figos vieram para cá ligados e ainda se não desligaram totalmente. Bucha, é aquele adorável anónimo, que andava pelas vendas a cantar cantigas feias, por vinho e figos! Trazia este mal na massa do sangue; ha-de custar a sair. Bucha deu o dinheiro, Santa mandou, e Presidente foi comprar. Ia. Ia comprar, quando eu apareci. Oh trabalhos!

Os nossos tribunais, são ocasiões soberbas de expor doutrina. Doutrina acessível. Doutrina para eles, que se vai buscar às próprias coisas que eles fazem. Com o pélo de cão se curam as feridas de cães. Gosto dos tribunais. Dos nossos formidáveis tribunais. A nossa intenção, ao fazê-los, é toda convergente a um único, um único fim: livrá-los do tribunal! Nisto sei que todos estão comigo. Não há um português que não diga amen.

**O**UTRO tribunal. A matéria não era das mais importantes, contudo era um tribunal. Ora aonde eu muito reparei foi nos grilos a cantar. Nada menos de três, em diversos lugares, dentro

da sala! E é assim nos dormitórios e assim na escola e assim na enfermaria e assim na capela. Sinfonia permanente e universal. Outra coisa em que muito tenho reparado, é nas caixas. Nas caixas de papelão aonde eles metem grilos e sobretudo, aonde é que eles vão escavar tantas caixas? E' o engenho. A iniciativa particular a levar a palma a todas as fórmulas enquadadas. Eis.

**P**IRIQUITO costuma fazer-me a barba às nove da manhã. Não me leva dinheiro, mas vale-se dos seus serviços. Veladamente. Discretamente, sim, mas vale-se. Agora quer um molete ao café. Ele e todos comem borça. Os moletes são destinados aos doentes e aos senhores. E' por isso mesmo que muitos dos nossos tribunais, são feitos de moletes. Rapazes que vão ós moletes dos senhores. Pois Piriquito, fala-me sempre no molete, ao fazer-me a barba... Não posso. Não devo ceder.

**O** Amadeu da Covilhã, anda a trabalhar na Construção Civil, no Porto. E' carpinteiro. Compra um semanal. Levanta-se às cinco da manhã, leva o comer numa cesta, que o cosinheiro lhe arranja de vespera. Chega à noite. Ceia e logo se vai deitar. Tudo ele, por ele. Ninguém o acorda. Ninguém o esperta. Ninguém nada. Ele, homem total. Assim se aprende a comer o pão com o suor do rosto, não venha este e outros a comerem daquele que o diabo amassa! Mudou de nome o Amadeu. Já lhe não chamam o Amadeu. E' o operário. Lá vem o operário. E' a nossa primeira experiência. Vamos a vêr.

**F**UI ontem ao lar do Porto. O Augusto, ali refeitoreiro, veio dar-me uma incumbência: *Tome lá estes sapatos. Leve-os prá nossa officina. O sapateiro de cá bota-lhe nas é papelão e depois pinta, pra ficar bonito*. E eu escutei o recado, tomei os sapatos e trouxe para a nossa aldeia, aonde nada é pintado nem de papelão.

**O** nosso enfermeiro houve de se ausentar por alguns dias, por motivo do seu casamento; pelo que todos lhe desejamos as mais auspiciosas venturas. Falta? Fez falta? Não senhor. Ficou o Zé da Lenha. Acabo de chegar do hospital, aonde o vi na sala dos pensos, com um rór de clientela à volta. *Agora tu*. São as creadelas.

**O** Poeta namora uma rapariga de aqui ao pé, no que não há mal nenhum, já se vê. O mal é outro. Está na recomendação que ele fez à sua namorada de nem sequer olhar para a Casa do Gaiato! Não pode ser. Que tem ele que a rapariga olhe para onde quiser?! Mais. Então a gente está fazendo com tanto gosto uma linda aldeia de casas formosas; vem cá gente de tão longe de propósito para as ver, e a rapariga de ao pé da porta, não pode vêr. Não pode olhar! Hom'essa! Ainda mais. Um rapaz generoso como já provou que o é, no caso dos humedecidos, aqui relatado; generoso, sim, e vem agora fazer esta imposição, coarctar: — *olha que nem para as casas...* Oh Poeta, por quem és, deixa a tua namorada olhar para quem e para onde ela quiser. Seja o coração dela sempre limpo, e o resto não conta. De tudo isto se infere quam fácil não é mandar embora os rapazes aos 14 ou 16 anos, e quam difícil não é o fazer-los nossos pela vida além—quam difícil!